

Semana 97 - Escatologia - 2

Texto: Apocalipse 8 a 14

Estação 50

Apocalipse 8

Versículos 1 a 24

1Quando ele abriu o sétimo selo, houve silêncio nos céus cerca de meia hora.

2Vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus; a eles foram dadas sete trombetas.

3Outro anjo, que trazia um incensário de ouro, aproximou-se e ficou em pé junto ao altar. A ele foi dado muito incenso para oferecer com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro diante do trono.

4E da mão do anjo subiu diante de Deus a fumaça do incenso com as orações dos santos.

5Então o anjo pegou o incensário, encheu-o com fogo do altar e lançou-o sobre a terra; e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto.

6Então os sete anjos, que tinham as sete trombetas, prepararam-se para tocá-las.

7O primeiro anjo tocou a sua trombeta, e granizo e fogo misturado com sangue foram lançados sobre a terra. Foi queimado um terço da terra, um terço das árvores e toda a relva verde.

8O segundo anjo tocou a sua trombeta, e algo como um grande monte em chamas foi lançado ao mar. Um terço do mar transformou-se em sangue,

9morreu um terço das criaturas do mar e foi destruído um terço das embarcações.

10O terceiro anjo tocou a sua trombeta, e caiu do céu uma grande estrela, queimando como tocha, sobre um terço dos rios e das fontes de águas;

11o nome da estrela é Absinto. Tornou-se amargo um terço das águas, e muitos morreram pela ação das águas que se tornaram amargas.

12O quarto anjo tocou a sua trombeta, e foi ferido um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas, de forma que um terço deles escureceu. Um terço do dia ficou sem luz, e também um terço da noite.

13Enquanto eu olhava, ouvi uma águia que voava pelo meio do céu e dizia em alta voz: "Ai, ai, ai dos que habitam na terra, por causa do toque das trombetas que está prestes a ser dado pelos três outros anjos!"

A Abertura do Sétimo Selo

Dito isso, João agora retorna à abertura do 7º e último selo. Este, ao contrário do que ocorreu nos selos anteriores, não contém qualquer tipo de praga ou catástrofe, mas é seguido pelo tocar de sete trombetas, contendo, estas sim, o derramamento da ira de Deus sobre os ímpios. Podemos concluir, portanto, que as sete trombetas e os sete flagelos são o próprio conteúdo do livro, visto que a abertura deste selo deixa totalmente aberto o livro que se encontra nas mãos do Cordeiro. Isso explicaria, também, o silêncio de meia hora, que é descrito em *Apocalipse 8.1*. Trata-se, no caso, de uma atitude de temor e tremor dos sete

seres celestiais e dos anciãos ao verem, no interior do livro, o julgamento de Deus, que está prestes a ser derramado sobre toda a Terra.

Por tudo que foi dito acima, parece justificado concluir que o livro foi primeiro totalmente aberto, pela remoção dos sete selos, que não estavam todos no início do rolo, mas sim ao longo do mesmo. Além disso, podemos imaginar que associado a cada selo havia um texto escrito do lado do verso do pergaminho, sendo esta a informação que foi prestada até agora (o pergaminho estava escrito de ambos os lados - *Apocalipse 5.1*).

Depois de aberto o 7º selo, o livro está totalmente aberto e João pode passar agora a descrever o lado interno, ou seja, o texto principal do rolo. Em termos práticos, isso significa que os eventos relativos à abertura dos selos podem ocorrer em paralelo com aqueles referentes às trombetas e às taças da ira de Deus. Estas sim parecem ocorrer sequencialmente. Esta é a forma como esses eventos são retratados nos cronogramas apocalípticos apresentados no capítulo 12.

Seria de se esperar agora que o texto nos falasse a respeito da abertura do livro, mas, ao invés disso, João passa a descrever as sete trombetas (*Apocalipse 8-9*) e depois destes os setes flagelos (*Apocalipse 15-16*). É intuitivo, portanto, que as trombetas e os flagelos sejam, na realidade, o conteúdo do livro. Além disso, parece lícito associar o derramar da ira de Deus sobre aqueles que optaram por servir ao Anticristo, ao período da grande tribulação, da mesma forma que a abertura dos primeiros selos parece se relacionar com o período das dores.

Tudo parece indicar que as trombetas e os flagelos serão derramados sobre os adoradores da Besta (*Apocalipse 16.2*). Vemos, portanto, uma grande semelhança com as pragas do Egito, pois assim como essas deixaram de atingir os filhos de Israel, também aqui, vemos que Israel e a Igreja (total ou parcial, dependendo de como o arrebatamento foi considerado) não são atingidos. Aliás, alguns versículos deixam claro que a intenção de Deus não é, simplesmente, uma demonstração do Seu poder e nem, tampouco, uma vingança parcial e, sim, que os adoradores da Besta se arrependam e se voltem para Ele. Isso fica claro em *Apocalipse 9.20-21*, por ocasião do tocar da 6ª trombeta, e em *Apocalipse 16.11*, após o quinto flagelo e confirma o que Pedro havia dito em *II Pedro 3.9*: “O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se”.

As Primeiras Quatro Trombetas São Tocadas

Apocalipse 7 tinha começado com quatro anjos que estavam prestes a executar as ordens de destruição que haviam recebido e aos quais foi dito que esperassem até que os servos do nosso Deus fossem todos identificados. Seria de se esperar, agora, que fosse dada ordem a estes anjos para a execução de suas missões, mas, ao invés disso, somem de cena os quatro anjos e aparecem outros sete, aos quais são dadas trombetas, uma a cada um (*Apocalipse 8.2*).

Podemos presumir, portanto, que o tocar das trombetas corresponde à autorização que é dada aos quatro anjos executores.

Antes que sejam tocadas as trombetas, contudo, surge ainda um outro anjo, cujo papel em relação às orações dos santos não é clara. Não parece que faça propriamente uma mediação e, sim, que seu desempenho esteja associado à sua apresentação com incenso. Este depois de fazer subir a Deus, com muito incenso, as orações de todos os santos, enche o seu incensário de fogo do altar, que ele, então, atira à Terra, resultando em fenômenos naturais que antecipam o toque da 1ª trombeta (*Apocalipse 8.3-6*). A figura dá a entender que Deus está para responder ao clamor de Seus servos, no sentido de que venha o Reino e seja implantada a justiça.

Tem início, então, o toque das trombetas, sendo que ao som da 1ª caem do céu saraiva e fogo misturado com sangue, fazendo com que a terça parte das árvores e de toda erva verde sejam consumidas (*Apocalipse 8.7*). Muitos teólogos veem aqui uma linguagem figurada em que as árvores representam autoridades e a erva as pessoas comuns, mas não há nenhum bom motivo para que o texto não seja entendido literalmente. Assim sendo, esta catástrofe se assemelharia bastante à 7ª praga derramada, sob os auspícios de Moisés, sobre os egípcios (*Êxodo 9.23-25*).

É importante ressaltar que o juízo de Deus principia pela natureza e não pelos homens, para que estes possam ver e vir ao arrependimento. Até em meio ao juízo a misericórdia do Senhor ainda é o ponto alto. Glória a esse Deus!

Ao soar da 2ª trombeta, somos informados de que uma grande montanha, ardendo em chamas, é atirada ao mar, tornando sua terça parte em sangue. Como resultado desta catástrofe, morre a terça parte dos seres marinhos e é destruída a terça parte das embarcações (*Apocalipse 8.8-9*). Embora possamos conjeturar a respeito de um possível meteoro, ou algo assim, caindo no oceano, tudo que podemos dizer a respeito não passará de especulação. Fato é que por alguma obra de Deus, semelhante à primeira praga do Egito (*Êxodo 7.20-21*), um terço das águas serão contaminadas, matando um terço dos peixes, ao mesmo tempo em que as grandes ondas resultantes desta catástrofe farão afundar um terço das embarcações. Mais uma vez não há qualquer motivo para se supor que a descrição feita acima seja figurada e não literal.

A 3ª trombeta afeta, desta feita, as reservas de água potável. Somos informados da queda de uma estrela, de nome Absinto, que contamina um terço dos rios de água doce, fazendo com que pereçam muitos homens por ingerirem água amargosa (*Apocalipse 8.10-11*). Deus fizera promessa de juízo semelhante para seu próprio povo, que O abandonara à época de Jeremias, ao dizer que alimentaria Seu povo com absinto e que lhes daria a beber água venenosa (*Jeremias 9.15*). O juízo desta vez atinge, também, alguns homens, mostrando o agravamento das pragas e, ao mesmo tempo, o apelo divino mais forte por arrependimento.

Quando o quarto anjo tocou a sua trombeta, João nos informa que foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, de modo que o brilho destes cessou parcialmente tanto de dia como de noite (*Apocalipse 8.12*). Esta descrição de João talvez encontre paralelo na grande tribulação descrita por Jesus (*Mateus 24.29, Marcos 13.24-25 e Lucas 21.25-26*), bem como em profecias do Velho Testamento, qual seja a de *Joel 2.31*, por exemplo. Esse não é ainda, contudo, o escurecimento total desses astros.

Neste ponto está concluída a primeira parte das trombetas, contendo pragas que atingem, basicamente, a natureza. De repente a atenção de João se volta para uma águia voando pelo meio do céu e que grita: “*Ai, ai, ai dos homens que moram sobre a terra por causa da trombeta dos três anjos que ainda hão de tocar*” (*Apocalipse 8.13*). Obviamente esta preocupação se dá em função da abrangência das pragas seguintes, que não mais afetam a natureza e, sim, os próprios homens que têm o sinal da Besta.

Apocalipse 9

Versículos 1 a 21

1O quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que havia caído do céu sobre a terra. À estrela foi dada a chave do poço do Abismo.

2Quando ela abriu o Abismo, subiu dele fumaça como a de uma gigantesca fornalha. O sol e o céu escureceram com a fumaça que saía do Abismo.

3Da fumaça saíram gafanhotos que vieram sobre a terra, e lhes foi dado poder como o dos escorpiões da terra.

4Eles receberam ordens para não causar dano nem à relva da terra, nem a qualquer planta ou árvore, mas apenas àqueles que não tinham o selo de Deus na testa.

5Não lhes foi dado poder para matá-los, mas sim para causar-lhes tormento durante cinco meses. A agonia que eles sofreram era como a da picada do escorpião.

6Naqueles dias os homens procurarão a morte, mas não a encontrarão; desejarão morrer, mas a morte fugirá deles.

7Os gafanhotos pareciam cavalos preparados para a batalha. Tinham sobre a cabeça algo como coroas de ouro, e o rosto deles parecia rosto humano.

8Os cabelos deles eram como os de mulher e os dentes como os de leão.

9Tinham couraças como couraças de ferro, e o som das suas asas era como o barulho de muitos cavalos e carruagens correndo para a batalha.

10Tinham caudas e ferrões como de escorpiões e na cauda tinham poder para causar tormento aos homens durante cinco meses.

11Tinham um rei sobre eles, o anjo do Abismo, cujo nome, em hebraico, é Abadom e, em grego, Apoliom.

12O primeiro ai passou; dois outros ais ainda virão.

13O sexto anjo tocou a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das pontas do altar de ouro que está diante de Deus.

14Ela disse ao sexto anjo que tinha a trombeta: "Solte os quatro anjos que estão amarrados junto ao grande rio Eufrates".

15Os quatro anjos, que estavam preparados para aquela hora, dia, mês e ano, foram soltos para matar um terço da humanidade.

16O número dos cavaleiros que compunham os exércitos era de duzentos milhões; eu ouvi o seu número.

17Os cavalos e os cavaleiros que vi em minha visão tinham este aspecto: as suas couraças eram vermelhas como o fogo, azuis como o jacinto e amarelas como o enxofre. A cabeça dos cavalos parecia a cabeça de um leão, e da boca lançavam fogo, fumaça e enxofre.

18Um terço da humanidade foi morto pelas três pragas: de fogo, fumaça e enxofre, que saíam da boca dos cavalos.

19O poder dos cavalos estava na boca e na cauda; pois a cauda deles era como cobra; com a cabeça feriam as pessoas.

20O restante da humanidade que não morreu por essas pragas nem assim se arrependeu das obras das suas mãos; eles não pararam de adorar os demônios e os ídolos de ouro, prata, bronze, pedra e madeira, ídolos que não podem ver, nem ouvir, nem andar.

21Também não se arrependeram dos seus assassinatos, das suas feitiçarias, da sua imoralidade sexual e dos seus roubos.

Mais Duas Trombetas

O primeiro destes ais diz respeito à 5ª trombeta, que está associada a uma estrela caída do céu na terra e à qual foi dada a chave do abismo (*Apocalipse 9:1*). Aparentemente trata-se aqui de um ser angelical ou demoníaco que irá exercer o juízo de Deus previsto nesta praga. A preferência de alguns teólogos recai sobre o ser demoníaco, devido à dificuldade de associar um anjo a uma estrela caída. Há, ainda, os que reconhecem aqui o próprio Satanás. O fato de sabermos que este ser está a serviço de Deus permite, contudo, imaginar tratar-se de um anjo, cuja queda é apenas posicional: ele desce do céu à Terra.

Infelizmente a escassez de informações não permite concluirmos, com toda a certeza, que a Satanás, ou a um de seus demônios, é dado, nesta praga, o poder de soltar todos os demônios que já haviam sido aprisionados no inferno (*Judas 6*). Tudo que podemos concluir é que este ser do mundo espiritual recebeu poder para abrir os poços do abismo de onde sai uma grande quantidade de fumaça, que tapa o sol e escurece o ar.

O abismo em apreço é reconhecido pela grande maioria dos teólogos como sendo o inferno, mas devemos lembrar que, no dilúvio, Deus também abriu todas as fontes do abismo (*Gênesis 7.11*) e obviamente não se trata de uma referência a água saída do inferno.

Continuando, João vê sair desta fumaça para a Terra uma grande quantidade de gafanhotos, que são dotados de caudas e ferrões como os que têm os escorpiões, com os quais estes têm ordem de atormentar, por cinco meses, todos os homens que possuem em sua fronte o sinal da Besta, deixando, contudo, a erva do campo intacta. Segundo João, o tormento causado pela

picada dos gafanhotos será tão grande que eles desejarão a morte, sem, contudo, poder encontrá-la (*Apocalipse 9.3-6*).

Esta visão nos traz à mente imediatamente a profecia de Joel, que viu uma invasão de gafanhotos, associada ao grande e terrível dia do Senhor, e que ele descreve de forma semelhante aos da visão de João (*Joel 1.4 e 2.4-11*).

João conclui sua descrição da praga resultante da 5ª trombeta, informando que essa grande quantidade de gafanhotos invasores teria sobre si um rei, que seria um anjo do abismo de nome Abadom, em hebraico, e Apoliom, em grego (*Apocalipse 9.11*). Esse nome, cujo significado é destruidor, não nos dá grande informação adicional, mas nos tenta a associá-lo com a estrela caída do início da visão. Esta praga é concluída com um lembrete de que foi-se o 1º ai, mas que faltam ainda dois (*Apocalipse 9.12*).

O soar da 6ª trombeta se faz acompanhar de uma voz procedente do altar de ouro que se encontra diante do trono de Deus, dizendo ao próprio anjo que tocou a trombeta que vá e solte os quatro anjos que estão junto ao rio Eufrates e que estão prontos para matar a terça parte dos homens em uma data determinada (*Apocalipse 9.13-15*).

A praga da 6ª trombeta se assemelha à da 5ª pelo fato de ser, igualmente, dirigida aos homens, mas difere desta pelo fato dos homens serem efetivamente mortos. Cumpre-se, neste caso, o juízo de Deus sobre a terça parte da humanidade.

Por estarem os anjos amarrados junto ao rio Eufrates (*Apocalipse 9.14*), alguns teólogos (por exemplo /73/, pág. 89) veem nestes quatro seres também anjos caídos, ou seja, demônios. Assim sendo, as hostes satânicas estariam novamente a serviço de Deus nesta praga.

Apocalipse 9:15-19 descreve um exército, aparentemente a serviço dos quatro anjos e que João diz ser composto de 200 milhões de soldados montados em cavalos especiais, de cujas bocas saía fogo, fumaça e enxofre, que se constituem nas armas da mortandade.

Alguns teólogos veem aqui uma guerra de grandes proporções, onde o fogo, a fumaça e o enxofre bem podem representar os efeitos de uma guerra nuclear, cujo palco seria o Oriente Médio, devido à citação do rio Eufrates, mas com danos se estendendo a toda a Terra.

Apocalipse 9:20-21 nos mostra que esta escalada no juízo de Deus continua a ter por finalidade o arrependimento do homem mas, infelizmente, somos informados que estes não se arrependem de sua idolatria, dos seus assassinios, de suas feitiçarias, de suas prostituições e de seus furtos.

Apocalipse 10

Versículos 1 a 11

1Então vi outro anjo poderoso, que descia dos céus. Ele estava envolto numa nuvem, e havia um arco-íris acima de sua cabeça. Sua face era como o sol, e suas pernas eram como colunas de fogo.

2Ele segurava um livrinho, que estava aberto em sua mão. Colocou o pé direito sobre o mar e o pé esquerdo sobre a terra,

3e deu um alto brado, como o rugido de um leão. Quando ele bradou, os sete trovões falaram.

4Logo que os sete trovões falaram, eu estava prestes a escrever, mas ouvi uma voz dos céus, que disse: "Sele o que disseram os sete trovões, mas não o escreva".

5Então o anjo que eu tinha visto em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu

6e jurou por aquele que vive para todo o sempre, que criou os céus e tudo o que neles há, a terra e tudo o que nela há, e o mar e tudo o que nele há, dizendo: "Não haverá mais demora!

7Mas, nos dias em que o sétimo anjo estiver para tocar sua trombeta, vai cumprir-se o mistério de Deus, como ele o anunciou aos seus servos, os profetas".

8Depois falou comigo mais uma vez a voz que eu tinha ouvido falar dos céus: "Vá, pegue o livro aberto que está na mão do anjo que se encontra em pé sobre o mar e sobre a terra".

9Assim me aproximei do anjo e lhe pedi que me desse o livrinho. Ele me disse: "Pegue-o e coma-o! Ele será amargo em seu estômago, mas em sua boca será doce como mel".

10Peguei o livrinho da mão do anjo e o comi. Ele me pareceu doce como mel em minha boca; mas, ao comê-lo, senti que o meu estômago ficou amargo.

11Então me foi dito: "É preciso que você profetize de novo acerca de muitos povos, nações, línguas e reis".

Um Intervalo Antes da 7ª Trombeta

Os capítulos 10 e 11 parecem se constituir numa espécie de interlúdio entre a 6ª e a 7ª trombetas, mas a informação prestada em *Apocalipse 11.14*, dizendo que se encerra ali o 2º "ai", deixa claro que as coisas que João vê, após a mortandade registrada no final do capítulo anterior, são, ainda, parte da 6ª trombeta.

João, que subira ao céu atendendo a um chamado no início do 4º capítulo, encontra-se, agora, novamente na Terra no momento em que vê "outro anjo forte" descendo do céu, vestido pelas nuvens, com um arco-íris sobre a cabeça, o rosto brilhando como o sol e as pernas de colunas de fogo (*Apocalipse 10.1*). Com base nesta descrição bem poderíamos acompanhar alguns teólogos (*/73/*, pág. 94) e dizer que se trata do próprio Senhor Jesus Cristo, mas o fato do Apocalipse nunca tratar Jesus como sendo anjo, aliado ao fato de que João não o adora e considerando, ainda, o fato dele jurar em nome do Criador (*Apocalipse 10.6*), que no caso seria Ele mesmo, faz com que adotemos uma posição de

mais cautela. Assim sendo, vamos considerá-lo apenas da forma como é citado: outro anjo forte.

O anjo em apreço tem na mão um livrinho aberto que, segundo aqueles que acham ser este o Cristo, é o mesmo que estava na mão do Cordeiro, mas que o texto parece indicar, claramente, um livro distinto. O fato do texto dizer que Ele tem um pé sobre o mar e outro sobre a terra parece enfatizar o domínio que Lhe é dado (Apocalipse 10.2). Essa idéia é reforçada por Sua forte voz, ao qual respondem os trovões (Apocalipse 10.3). Cabe enfatizar, também, o fato do livro estar aberto, o que significa que seu conteúdo estava totalmente acessível a João.

O texto nos diz que João entendeu aquilo que foi dito pelos trovões e o assunto de tal modo pareceu a ele importante, que se apressou em transcrevê-lo para que nada caísse em esquecimento, mas naquele exato instante ele ouviu uma voz dos céus, talvez do próprio Cordeiro, dizendo que aquela informação era restrita e não deveria ser repassada (*Apocalipse 10.4*). Aparentemente a experiência de João é semelhante à de Paulo, que recebeu revelações num arrebatamento, as quais, nos informa, ser ilícito passar adiante (*II Coríntios 12.2-4*). Obviamente isso aguça a nossa curiosidade, mas o fato da informação ali contida estar ligada, certamente, a detalhes mais precisos, relativos ao derramamento da ira de Deus, podemos ter certeza que nos foi ocultada porque assim nos convém, visto que Ele nos ama.

Na sequência do texto vemos o anjo levantar a sua mão aos céus e prestar um solene juramento em nome dAquele que vive para sempre e que criou céus, terra e mar, que já não haverá demora para o cumprimento dos desígnios de Deus. Logo a seguir ele esclarece dizendo que, ao tocar da 7ª trombeta, serão cumpridas todas as revelações feitas aos profetas, servos do Senhor, obviamente referindo-se à 2ª Vinda e à implantação do Reino de Deus (*Apocalipse 10.5-7*).

Ouve-se, neste instante, provavelmente vinda do próprio Senhor Jesus Cristo, uma voz dos céus, mandando que João peça ao anjo o livrinho e que o coma, ao que ele obedece sem questionar. O anjo, ao lhe dar o livro, alerta-o para o fato de que será doce na sua boca, mas amargo ao chegar ao ventre, o que ele constata ser verdade (*Apocalipse 10.8-10*). Isso nos traz à mente um relato semelhante ocorrido com Ezequiel (*Ezequiel 2.8-3.3*).

Claro está, em ambos os casos, que o comer do livro está relacionado com o recebimento da mensagem a ser proclamada. O fato dela ser agradável ao paladar certamente se refere ao prazer que o crente tem de ser portador da mensagem vinda de Deus, mas a sua digestão difícil se relaciona à dificuldade com que a mensagem dura, do derramamento da ira de Deus, seria pregada.

Confirmando isso, é dito a João que ele haveria de profetizá-la, ainda, a muitos povos, nações, línguas e reis (*Apocalipse 10.11*) e certamente as profecias de João no Apocalipse têm varrido o globo ao longo de séculos.

Apocalipse 11

Versículos 1 a 19

1Deram-me um caniço semelhante a uma vara de medir e me disseram: "Vá e meça o templo de Deus e o altar, e conte os adoradores que lá estiverem.

2Exclua, porém, o pátio exterior; não o meça, pois ele foi dado aos gentios. Eles pisarão a cidade santa durante quarenta e dois meses.

3Darei poder às minhas duas testemunhas, e elas profetizarão durante mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco".

4Estas são as duas oliveiras e os dois candelabros que permanecem diante do Senhor da terra.

5Se alguém quiser causar-lhes dano, da boca deles sairá fogo que devorará os seus inimigos. É assim que deve morrer qualquer pessoa que quiser causar-lhes dano.

6Estes homens têm poder para fechar o céu, de modo que não chova durante o tempo em que estiverem profetizando, e têm poder para transformar a água em sangue e ferir a terra com toda sorte de pragas, quantas vezes desejarem.

7Quando eles tiverem terminado o seu testemunho, a besta que vem do Abismo os atacará. E irá vencê-los e matá-los.

8Os seus cadáveres ficarão expostos na rua principal da grande cidade, que figuradamente é chamada Sodoma e Egito, onde também foi crucificado o seu Senhor.

9Durante três dias e meio, gente de todos os povos, tribos, línguas e nações contemplarão os seus cadáveres e não permitirão que sejam sepultados.

10Os habitantes da terra se alegrarão por causa deles e festejarão, enviando presentes uns aos outros, pois esses dois profetas haviam atormentado os que habitam na terra.

11Mas, depois dos três dias e meio, entrou neles um sopro de vida da parte de Deus, e eles ficaram em pé, e um grande terror tomou conta daqueles que os viram.

12Então eles ouviram uma forte voz dos céus, que lhes disse: "Subam para cá". E eles subiram para os céus numa nuvem, enquanto os seus inimigos olhavam.

13Naquela mesma hora houve um forte terremoto, e um décimo da cidade ruiu. Sete mil pessoas foram mortas no terremoto; os sobreviventes ficaram aterrorizados e deram glória ao Deus dos céus.

14O segundo ai passou; o terceiro ai virá em breve.

15O sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve fortes vozes nos céus, que diziam: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre".

16Os vinte e quatro anciãos que estavam assentados em seus tronos diante de Deus prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus,

17dizendo: "Graças te damos, Senhor Deus todo-poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e começaste a reinar.

18As nações se iraram; e chegou a tua ira. Chegou o tempo de julgares os mortos e de recompensares os teus servos, os profetas, os teus santos e os que

temem o teu nome, tanto pequenos como grandes, e de destruir os que destroem a terra".

19Então foi aberto o santuário de Deus nos céus, e ali foi vista a arca da sua aliança. Houve relâmpagos, vozes, trovões, um terremoto e um grande temporal de granizo.

O Toque da 7ª Trombeta

Sem maiores explicações João nos informa, a seguir, que lhe foi dado um caniço, semelhante a uma vara, com o qual deveria medir o santuário de Deus, o seu altar e aqueles que nele adoram, deixando de lado, contudo, o átrio exterior, visto que este foi dado aos gentios para ser pisado por um período de 42 meses (*Apocalipse 11.1-2*).

Nossa primeira dificuldade consiste em saber que templo é esse. Sabemos que o templo era composto por um prédio, em cujo interior ficava o lugar santo, onde entravam apenas os sacerdotes escalados, e o Santo dos Santos, de acesso restrito ao Sumo-Sacerdote. No entorno deste ficavam o pátio dos sacerdotes, o dos judeus, um local separado para as mulheres e, finalmente, um átrio onde qualquer estrangeiro poderia entrar. Cabe identificar, aqui, que relação pode haver entre tais medidas e o plano de Deus. Há várias interpretações, dentre as quais podemos citar:

- 1ª → seria literal, ou seja, João estaria medindo o templo a ser construído em Jerusalém durante o período da Grande Tribulação, no qual os judeus viriam a se converter. Na melhor das hipóteses, poderíamos dizer que as dimensões teriam que ser adequadas ao número de convertidos;
- 2ª → o templo em apreço seria o do Espírito Santo, ou seja, João estaria medindo a Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo. Os gentios pisando o átrio exterior seriam todos os não crentes, inclusive os judeus;
- 3ª → o povo judeu seria a parte do templo do Espírito Santo que estaria sendo considerada, ou seja, tratar-se-ia de uma profecia referente à conversão do povo judeu, prevista imediatamente após a ressurreição das duas testemunhas, conforme veremos adiante.

A primeira interpretação, a literal, parece ser a mais indicada, pois urge que seja construído um templo em Jerusalém para que os sacrifícios sejam reinstaurados.

O período de quarenta e dois meses, ao longo dos quais o átrio exterior e toda Jerusalém seriam pisados, parece nos remeter para a profecia das setenta semanas de Daniel (*Daniel 9.25-27*). Encontramos ali o Messias morrendo na 69ª semana e uma aparente suspensão da última semana até o tempo do fim, quando surgiria, então, um personagem mundial dominante (o Anticristo), que faria uma aliança com os judeus, cuja duração seria de apenas 3,5 dias (ou, no caso, anos). No meio da semana romperia o acordo com os judeus e os oprimiria pelos 3,5 anos restantes, quais sejam: quarenta e dois meses.

Apocalipse 11.3 parece introduzir uma mudança de assunto, com a voz do céu, provavelmente de Jesus, informando a João que instituiria duas testemunhas,

que haveriam de profetizar por 1.260 dias, vestidas de pano e de saco. Ao que tudo indica, contudo, Deus estaria permitindo este período de tribulação de 3,5 anos para o povo judeu, justamente para que este se volte para Ele. Os 1.260 dias, que correspondem igualmente a quarenta e duas semanas, seriam o período ao longo do qual estas duas testemunhas profetizariam, entre outras coisas, a conversão da nação judaica.

O versículo seguinte (*Apocalipse 11.4*) faz uma referência a dois candeeiros que os associa com dois servos do Senhor que militaram nos dias do profeta Zacarias, quais sejam: Josué e Zorobabel (*Zacarias 3.1-4:7*). Estas testemunhas seriam revestidas de toda a autoridade e poder para a realização da obra que lhes está proposta. Durante este período poderão fechar o céu para que não chova, converter água em sangue ou lançar mão de quaisquer outros flagelos (*Apocalipse 11.5*). Estes poderes mais uma vez nos trazem à lembrança Elias e Moisés, que empreenderam, em seus dias, feitos semelhantes.

Estas referências que os associam a heróis da fé do Velho Testamento nos levam a crer que estas duas testemunhas seriam efetivamente duas pessoas realizando uma grande obra para o seu Senhor, mas despertando, ao mesmo tempo, a ira da Besta e de todos quantos a servem. Somos informados, em *Apocalipse 11.7*, que, concluído o seu testemunho, ou seja, ao final da Grande Tribulação, o Senhor permitirá que a Besta se levante contra eles e os mate. Tamanho será o incômodo que essas testemunhas trarão, que a sua morte se tornará motivo de festejos. Seus corpos serão mantidos em exposição pública e as pessoas celebrarão a sua morte enviando presentes uns aos outros (*Apocalipse 11.8-10*). Passados 3,5 dias, contudo, o Senhor lhes enviará o sopro divino, de modo que voltarão a se levantar para surpresa e pânico geral (*Apocalipse 11.11*). Como se isso já não bastasse, todos ouvirão quando lhes é dirigida uma voz do céu solicitando a sua subida para lá, que será atendida prontamente, também aos olhos de todos.

Exatamente neste momento João testemunha a ocorrência de um grande terremoto que destrói 1/10 das construções da cidade e causa a morte de 7.000 pessoas (*Apocalipse 11.13*).

O fato das duas testemunhas terem 3,5 anos para testemunhar (toda a segunda metade do período de tribulação) faz com que muitos autores, como por exemplo La Haye e Ice (/71/, pág. 57) coloquem a abertura dos selos e o toque das trombetas nos primeiros 3,5 anos. Não podemos esquecer, contudo, que os capítulos 10 e 11 representam uma espécie de intervalo para dar uma visão geral, da mesma forma como 12 a 15 apresentam personagens que se destacam nesta fase final da semana apocalíptica. Não se justifica, portanto, utilizar essa informação para estabelecer a sequência. O fato do Anticristo só se revelar como tal na metade da semana (*Daniel 9.27*) nos dá a entender que suas verdadeiras intenções só ficarão claras para todos neste momento.

Antes de passar ao toque da 7ª trombeta, João nos informa aqui que está sendo encerrada a 6ª: são passados já 2 "ais" e fica faltando apenas o 3º (*Apocalipse 11.14*).

Com o tocar da 7ª trombeta não vemos, conforme já antecipado acima, qualquer praga associada, pelo que somos obrigados a reconhecer que os 7 flagelos se constituem, na realidade, na praga associada ao 3º “ai”. Ao invés de pragas vemos, portanto, o anúncio da chegada do Reino de Deus: “**O Reino do mundo se tornou do nosso Senhor e do Seu Cristo e Ele reinará pelos séculos dos séculos**” (*Apocalipse 11.15*).

O tema central de todas as profecias apocalípticas é a implantação do Reino de Deus, pelo que a aproximação do fim da grande tribulação faz entrever a sua implantação. Lembramos aqui que o apóstolo Paulo nos fala desta implantação em duas etapas (*I Coríntios 15.24-28*), com um período inicial do Reino Messiânico, para que Este, numa segunda etapa, entregue o Reino a Deus Pai, numa provável referência ao governo do Novo Céu e Nova Terra.

João, a essa altura, reassume a sua visão nos céus e testemunha o instante em que os vinte e quatro anciãos, que até então estavam sentados diante de Deus, se prostram sobre os seus rostos e começam a louvar, dizendo: “**Graças Te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és e que eras porque assumiste o Teu grande poder e passaste a reinar**” (*Apocalipse 11.17*). É marcante aqui a diferença entre este louvor e outro semelhante dos quatro seres viventes, registrado em *Apocalipse 4.8*, onde proclamam ser Santo Aquele que era, que é e que há de vir. No presente caso o porvir é chegado, pelo que substituem a tríplice saudação por um agradecimento pelo cumprimento daquilo que estava prometido desde o princípio, quando foi asseverado a Adão que a cabeça da serpente seria esmagada (*Gênesis 3.15*).

Os anciãos reconhecem, ainda, que as nações haviam se enfurecido contra Deus, mas que é chegado o dia de Sua ira. Outrora Pedro e João, defrontados com furor semelhante, haviam pedido intrepidez para continuar pregando a mensagem da cruz (*Atos 4.29*), mas o tempo para isso está esgotado. É chegado o dia do juízo, com a condenação de toda a iniquidade e a destruição daqueles que transtornam a terra. Para os servos, os profetas, os santos e todos os que temem o Seu nome, é chegado o momento de receberem galardão (*Apocalipse 11.18*).

Apocalipse 11:19 nos informa que abriu-se o santuário celeste e pôde ser vista a arca da aliança que ali se encontrava. O destino da arca construída por Moisés (*Êxodo 37*) é desconhecido. O mais provável é que tenha sido destruída quando da invasão babilônica com a destruição do templo. Ela representava a presença de Deus no meio do Seu povo avalizando a aliança que havia feito com Israel. A presença da arca aqui nos faz lembrar que todas as alianças que Deus havia feito com os homens estão sendo cumpridas.

Apocalipse 12

Versículos 1 a 18

1 Apareceu no céu um sinal extraordinário: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça.

2 Ela estava grávida e gritava de dor, pois estava para dar à luz.

3 Então apareceu no céu outro sinal: um enorme dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, tendo sobre as cabeças sete coroas.

4 Sua cauda arrastou consigo um terço das estrelas do céu, lançando-as na terra. O dragão pôs-se diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar o seu filho no momento em que nascesse.

5 Ela deu à luz um filho, um homem, que governará todas as nações com cetro de ferro. Seu filho foi arrebatado para junto de Deus e de seu trono.

6 A mulher fugiu para o deserto, para um lugar que lhe havia sido preparado por Deus, para que ali a sustentassem durante mil duzentos e sessenta dias.

7 Houve então uma guerra nos céus. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão, e o dragão e os seus anjos revidaram.

8 Mas estes não foram suficientemente fortes, e assim perderam o seu lugar nos céus.

9 O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançados à terra.

10 Então ouvi uma forte voz dos céus, que dizia: "Agora veio a salvação, o poder e o Reino do nosso Deus, e a autoridade do seu Cristo, pois foi lançado fora o acusador dos nossos irmãos, que os acusa diante do nosso Deus, dia e noite.

11 Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do testemunho que deram; diante da morte, não amaram a própria vida.

12 Portanto, celebrem-no, ó céus, e os que neles habitam! Mas ai da terra e do mar, pois o Diabo desceu até vocês! Ele está cheio de fúria, pois sabe que lhe resta pouco tempo".

13 Quando o dragão foi lançado à terra, começou a perseguir a mulher que dera à luz o menino.

14 Foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que ela pudesse voar para o lugar que lhe havia sido preparado no deserto, onde seria sustentada durante um tempo, tempos e meio tempo, fora do alcance da serpente.

15 Então a serpente fez jorrar da sua boca água como um rio, para alcançar a mulher e arrastá-la com a correnteza.

16 A terra, porém, ajudou a mulher, abrindo a boca e engolindo o rio que o dragão fizera jorrar da sua boca.

17 O dragão irou-se contra a mulher e saiu para guerrear contra o restante da sua descendência, os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus.

18 Então o dragão se pôs em pé na areia do mar.

Apocalipse 12-14 parece, em princípio, uma espécie de interlúdio entre o tocar da 7ª trombeta e o início dos sete flagelos. Um estudo mais apurado mostra, contudo, que se trata de uma espécie de apresentação dos personagens que desempenham os principais papéis na Grande Tribulação, quais sejam: Israel, a Igreja, Satanás, a Besta e o preposto desta.

O grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol, tendo a lua sob seus pés e um diadema de doze estrelas na cabeça, visto por João a seguir, tem sido interpretado como sendo Maria /74/, o povo de Israel /67/ e o povo de Deus na Terra (em nossos dias, a Igreja /71/).

A primeira destas não chega a ser considerada senão por alguns segmentos da Igreja Católica Romana, no afã de ver perpetuada a presença de Maria nas Escrituras além do primeiro capítulo de Atos, onde é citada pela última vez (*Atos 1.14*). Não obstante o texto falar, figuradamente, da gravidez que deu origem ao Messias, ainda assim a maioria dos teólogos se divide entre as hipóteses 2 e 3, havendo, ainda, os que acham tratar-se de ambas. De modo geral, a forma de interpretação é ditada pela posição dos teólogos em relação ao arrebatamento, ou seja, aqueles que creem no arrebatamento da Igreja antes da grande tribulação, veem aqui uma referência ao povo de Israel, ao passo que aqueles que acham que a Igreja passará pela tribulação veem aqui ou a representante de Deus na Terra antes e após a vinda do Messias (neste caso seria o povo de Israel e posteriormente a Igreja) ou simplesmente a Igreja.

Esta última hipótese, ou seja, uma referência somente à Igreja, talvez seja a menos provável, visto que a Igreja não deu origem ao Messias e, sim, Ele a ela, mas os defensores desta hipótese se valem de palavras de Paulo fornecidas em *Gálatas 4.26*: “**A Jerusalém de cima é livre, a qual é nossa mãe...**”. No nosso afã de não forçar a interpretação de qualquer texto em seu contexto, digamos, apenas, que esta mulher, descrita de forma gloriosa, parece se adequar melhor ao papel de Israel até o versículo 16 e à Igreja gentílica no versículo 17.

O texto, para apresentar os personagens supracitados, parece abandonar, provisoriamente, o período do Apocalipse, retrocedendo aos tempos veterotestamentários em que o povo de Israel vivia a expectativa do nascimento do Messias (*Apocalipse 12.2*).

Vendo a mulher (Israel) nesta condição, João percebe a presença de um dragão vermelho com sete cabeças, sobre as quais havia chifres e diademas (*Apocalipse 12.3*). Trata-se, segundo somos informados em *Apocalipse 12.9*, da antiga serpente, chamada Diabo e Satanás. Não cabe aqui ficar discutindo o significado das cabeças e seus adornos, mas fica ressaltado no texto que estão associados à autoridade daqueles que os ostentam. O fato do texto narrar que arrasta 1/3 das estrelas ao mover a cauda (*Apocalipse 12.4a*) é, segundo alguns (por exemplo, Szczerbacki), uma referência aos anjos que o seguiram por ocasião de sua rebelião contra Deus (*/75/*, pág. 207). Citam como texto paralelo *Daniel 8.10*, onde diz que ele lançou por terra alguns do exército dos céus. Por esse raciocínio Satanás teria à sua disposição um exército de demônios igual a metade dos anjos a serviço de Deus. Embora tal possibilidade exista, é possível, também, que a citação de João tivesse apenas a intenção de mostrar o quão notável era o dragão.

O fato do dragão se postar diante da mulher para tragar o seu filho tão logo nascesse (*Apocalipse 12.4b*), retrata bem o papel de Satanás, destruindo o povo de Israel, levando-o sempre a reincidir no pecado, de modo a fracassar no seu papel sacerdotal. Lembra-nos, ainda, de como usou Herodes para tentar matar os meninos nascidos à época em Belém. Aponta, também, para tantas ocasiões, ao longo do ministério de Jesus, em que tentou induzi-LO ao erro.

De nada adiantaram, contudo, as tentativas de Satanás porque o Cristo, o filho varão que há de reger todas as nações, nasceu e foi arrebatado para Deus, para assentar-Se no Seu trono (*Apocalipse 12:5*). É no mínimo curioso que João omita aqui o Seu ministério, limitando-se a citar Seu nascimento e Sua ascensão.

No versículo seguinte a mulher, agora já presumivelmente o remanescente de Israel, foge para o lugar que Deus lhe preparara, no qual deverá resistir a Satanás pelo período de 1.260 dias (*Apocalipse 12.6*). O fato do apóstolo ter saltado todo o período em que a Igreja foi a efetiva representação de Deus na Terra e olhar diretamente para a segunda metade da grande tribulação (3,5 anos ou 42 meses ou 1.260 dias), ressalta o fato de ela não estar falando da Igreja e sim de Israel. Alguns autores vêem no deserto onde a mulher (o remanescente de Israel) se refugia, apenas como uma figura para a proteção de Deus (*/76/*, pág. 129), enquanto outros reconhecem aqui uma efetiva fuga do remanescente para Edom (atual Jordânia), onde estarão a salvos da mortandade de judeus que ocorrerá em Israel (*Zacarias 13.8-9*).

Apocalipse 12.7-9 nos traz mais informações a respeito de Satanás, sem ter, contudo, qualquer preocupação de localizá-las no passado ou no futuro. João diz apenas ter visto Miguel e seus anjos lutando contra o dragão e também seus anjos. Esta é uma das cinco referências nominais que encontramos na Bíblia a Miguel, três das quais se encontram no livro de Daniel (*Daniel 10.13, 21 e 12.1*). Todos estes textos têm em comum o fato de relatarem contendas espirituais entre Miguel e Satanás com reflexos imediatos no mundo visível, nos quais, invariavelmente, Miguel leva a melhor. Neste texto somos informados que Satanás é expulso do céu e atirado à Terra, que nos traz à mente a citação de Jesus encontrada em *Lucas 10.18 (Apocalipse 12.9)*.

Este fato é comemorado em meio às hostes celestiais como marco da implantação da salvação, do poder e do reino do nosso Deus, bem como da autoridade do Seu Cristo, visto que o Seu sangue e o testemunho dado em Seu nome concederam a vitória aos Seus servos, mesmo enfrentando estes perseguição de morte (*Apocalipse 12.10-12*).

Mas, se por um lado foi derrotado o acusador dos servos do Senhor, por outro a situação na Terra será agravada, pois o Diabo vem cheio de cólera e sabendo que tem pouco tempo. Ali, vendo que nada pudera contra o Messias, passou a perseguir a mulher (o remanescente de Israel, que reconhece Jesus como Messias), que Deus promete proteger por um tempo, dois tempos e metade de um tempo. Esta é apenas mais uma maneira de se referir aos 3,5 anos da segunda metade da grande tribulação (*Apocalipse 12.13-14*).

Encerrando este capítulo, João narra a tentativa frustrada do dragão de atingir a mulher, passando, então, a pelejar contra o restante de sua descendência: a Igreja para os pós-tribulacionistas ou os convertidos da grande tribulação para os pré e meso-tribulacionistas. Para atingir este intento Satanás se encontra na praia, onde fará surgir do abismo a Besta e seu preposto (*Apocalipse 12.15-18*).

Algumas Palavras Sobre a Besta ou o Anticristo

Neste ponto seria interessante falar um pouco sobre a Besta ou o Anticristo, já que vamos vê-lo surgir logo a seguir no início do capítulo 13 do texto apocalíptico.

A palavra Anticristo é usada na Bíblia apenas três vezes e todas por João. Em *I João 2.18-22* ele lembra aos seus leitores que vem por aí um Anticristo específico, aquele dos tempos do fim, mas que já se tem manifestado entre eles muitos “anticristos”. É dessa forma que ele se refere a pessoas que eram membros de suas igrejas, mas que acabaram se afastando por defenderem a heresia de que Jesus não era o Cristo. Assim sendo, embora o ensino de João não seja a respeito do Anticristo dos tempos do fim, ele acaba nos informando que se trata de um personagem que nega a divindade de Jesus. Outro atributo do Anticristo é apresentado por João em *I João 4.3*, ao dizer que o espírito do Anticristo, que já está atuando no mundo, é aquele que nega a humanidade plena de Jesus Cristo. Vemos, portanto, que a Cristologia do *Credo dos Apóstolos* (/77/, pág. 257), que surgiu nos primeiros séculos do Cristianismo, já apresentava Jesus como Deus pleno e homem pleno, em total consonância com os ensinamentos de João. Esse último ensino de João acabou repetido em sua segunda epístola (*II João 7*), onde ele chama de “anticristos” todos os enganadores que negam que Jesus veio em carne.

Embora o nome Anticristo seja apresentado apenas nos textos mencionados acima e, assim mesmo, somente por João, isso não significa que ele não seja um personagem bem conhecido de outros autores bíblicos. La Haye e Hindson (/78/, pág. 50) apresentam uma lista de dez outros nomes pelo qual ele é referenciado ao longo da Bíblia. A tabela a seguir apresenta essa mesma relação.

NOME	REFERÊNCIA BÍBLICA
Besta	<i>Apocalipse 13:1</i> → “E eu pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia”.
Homem do pecado e filho da perdição	<i>II Tessalonicenses 2:3</i> → “Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição ”.
Iníquo (Homem sem Lei)	<i>II Tessalonicenses 2:8</i> → “E então será revelado o iníquo , a quem o Senhor desfará pelo assopro da Sua boca, e aniquilará pelo esplendor da Sua vinda”.
Abominação da Desolação	<i>Mateus 24:15</i> → “Quando, pois, virdes que a abominação da desolação , de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, atenda”.

Ponta pequena (pequeno chifre)	<i>Daniel 7:8 → “Estando eu considerando as pontas, eis que entre elas subiu outra ponta pequena, diante da qual três das pontas primeiras foram arrancadas; e eis que nesta ponta havia olhos, como olhos de homem, e uma boca que falava grandiosamente”.</i>
Rei (altivo)	<i>Daniel 8:23 → “Mas, no fim do seu reinado, quando os prevaricadores acabarem, se levantará um rei, feroz de cara, e será entendido em adivinhações”.</i>
Príncipe que há de vir	<i>Daniel 9:26 → “E depois das sessenta e duas semanas será tirado o Messias, e não será mais: e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra: estão determinadas assolações”.</i>
Homem vil	<i>Daniel 11:21 → “Depois se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente, e tomará o reino com engano”.</i>
Rei voluntarioso	<i>Daniel 11:36 → “E este rei fará conforme a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo o deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas maravilhosas, e será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito”.</i>
Pastor inútil (negligente)	<i>Zacarias 11:16-17 → “Porque, eis que levantarei um pastor na terra, que não visitará as que estão perecendo, não buscará a desgarrada, e não sarará a doente, nem apascentará a sã; mas comerá a carne da gorda, e lhe despedaçará as unhas. Ai do pastor inútil que abandona o rebanho; a espada cairá sobre o seu braço e sobre o seu olho direito; o seu braço completamente se secará e o seu olho direito completamente se escurecerá”.</i>

Como podemos ver, pelos nomes que o qualificam, o Anticristo será um homem de muitas facetas, com as quais enganará, igualmente, a muitos. *Daniel 11.21* nos informa que ele se apossará do reino de forma pacífica, mas através de intrigas. Em *Daniel 11.36* somos informados que ele se exaltará acima de todos os deuses (assumindo o lugar de Deus) e pronunciará blasfêmias contra o Deus dos deuses (colocando-se em contraposição a Deus), conforme indicado pelo seu nome ANTICristo.

A origem do Anticristo foi prevista por Daniel como o líder de uma coalisão de dez nações que, de alguma forma, é representativa de Roma ou, melhor dito, do Império Romano (*Daniel 2.31-45* - os 10 dedos de ferro e barro). As referências feitas, tanto em *Daniel 7.19-28*, como em *Apocalipse 13.1-9*, falam desse Reino como uma coalisão de dez nações representadas por uma besta de 10 chifres.

Ao longo destes 2.000 anos de história, o Império Romano do lado Ocidental sucumbiu no ano 410 com a tomada de Roma pelos bárbaros, mas foi reeditado por Carlos Magno no ano 800, quando ele foi coroado imperador do Império Romano do Ocidente pelo papa Adriano. O mesmo título foi utilizado por vários séculos pelos imperadores alemães, que passaram a dominar o Império Romano do Ocidente. À luz da informação fornecida acima, o Anticristo poderia ser de origem italiana, francesa ou alemã, porque reis dessas três nações ocuparam a liderança do Império. Em 1804 esse mesmo império voltou a ser reeditado sob o domínio de Napoleão Bonaparte e no século XX por Hitler. Todos esses líderes, exceto Hitler, tiveram em comum o fato de terem reeditado, pela força, um império abrangendo os antigos países ocupados por Roma. O Anticristo, no entanto, há de fazê-lo por seu carisma, por seu gênio político, por sua capacidade administrativa, mas sem usar a força militar, a princípio. Devemos reconhecer que a tragédia da ascensão de Hitler se deu de forma semelhante àquela prevista para o Anticristo.

Desde a segunda metade do primeiro século, quando João escreveu o livro de Apocalipse, tem havido inúmeras tentativas de identificar o Anticristo e, obviamente, igual número de falhas. É intuitivo que a Igreja primitiva olhasse para os imperadores romanos como prováveis candidatos. Nos séculos recentes, contudo, o papado tem sido o candidato predileto de autores protestantes. No século XX a Igreja olhou para Hitler e alguns líderes da União Soviética como nomes bastante prováveis, mas todas essas previsões mostraram-se errôneas. A lição a ser aprendida aqui é que não convém cometer o mesmo erro e apontar esse ou aquele possível candidato. O que podemos e devemos fazer é ter em mente as suas principais características, para que saibamos reconhecê-lo quando efetivamente surgir no cenário político mundial.

É interessante lembrar que, segundo Paulo em *II Tessalonicenses 2.6*, a vinda do Anticristo tem sido impedida por algum poder divino (o Espírito Santo, o arcanjo Miguel ou talvez a própria Igreja), que ele já revelara aos tessalonicenses, mas que nós desconhecemos. Isso significa que nem mesmo Satanás, que será o mentor desse líder mundial, pode preparar o seu escolhido até que Deus remova o impedimento à sua manifestação. É, no mínimo, curioso pensar que as ações satânicas também dependem do trono do Altíssimo. Ao longo da história vimos, por vezes, Satanás se antecipando às ações divinas por serem previsíveis através de profecias. Um possível exemplo disso seria a mortandade de seis milhões de judeus porque Satanás teria interpretado corretamente a profecia de *Oséias 6.1-2*, que aparentemente prevê o retorno do povo israelita à Terra Santa após dois milênios. Em outras ocasiões as medidas dele são de contra-ataque, como é o caso da contrarreforma no século XVI, pelo fato de não poder prever as correções de rumo que o Espírito Santo fez com relação à Igreja. Neste caso específico, ele nada pode fazer enquanto Deus não o permitir, portanto deve ter sempre um candidato preparado, a cada geração, aguardando o momento possível. Talvez, inclusive, seja essa uma das ideias de João ao nos informar que o espírito do Anticristo está no mundo desde a sua própria época (*I João 4.3*).

À Igreja de Jesus Cristo cabe apenas estar atenta, quer seja para o arrebatamento (caso os pré-tribulacionistas estejam corretos), quer para a manifestação do Anticristo (caso os meso-tribulacionistas estejam certos), ou mesmo estar preparada para o sofrimento que acompanhará a grande tribulação (caso os pós-tribulacionistas tenham razão). São apresentadas a seguir, portanto, as principais características que a Bíblia registra para o personagem que vai encarar o papel de Anticristo, além, é claro, de sua origem:

Somos informados, através das profecias de Daniel, que o surgimento do Anticristo se dará nos tempos do fim (*Daniel 8.19*). Mais especificamente o próprio Daniel nos diz, ainda, que sua apoteose como líder mundial se dará ao longo dos últimos sete anos da presente ordem mundial, ou seja, na semana 70 (*Daniel 9.27*);

João nos informa, em *Apocalipse 13:7*, que sua autoridade se estende a toda tribo, língua e nação. Não está totalmente clara a sequência em que isso se dará, mas sabemos que o seu reinado começa com uma associação de dez nações (*Apocalipse 17.12-13*);

Daniel fala dele como uma pessoa muito inteligente, persuasiva, mas também arrogante e que engana os seus liderados (*Daniel 7.20 e 8.24-25*);

Seu rígido controle sobre a economia mundial fará com que obrigue a todos a receberem uma marca na mão direita ou na testa para que lhes seja permitido comprar ou vender. A marca em questão conterá o nome ou o número dele (*Apocalipse 13.16-17*);

Aparentemente ele terá sucesso em firmar um acordo com Israel e outros países, onde muitos outros falharam, no sentido de dar fim aos litígios do Oriente Médio (*Daniel 9.27*). O acordo em apreço terá duração de 7 anos, mas o Anticristo o romperá na metade do tempo, ou seja, em 3 anos e meio. Nesta ocasião ele mesmo invadirá Israel (*Daniel 9.27*);

Após o rompimento do acordo com Israel, a identidade do Anticristo já será totalmente conhecida, motivo pelo qual ele também dará a conhecer as suas verdadeiras aspirações. Entre outras coisas “**ele se exaltará acima de tudo que se chama Deus ou que se adora. Ele se assentará, como se Deus fosse, no templo de Deus, mostrando que ele é efetivamente Deus**” (*II Tessalonicenses 2.4*).

Embora a Bíblia fale do Anticristo no período referente aos 7 anos da semana 70, é claro que este líder não surgirá de uma hora para outra, de modo que podemos olhar com atenção especial para políticos que se destaquem por seus feitos na área de pacificação, atraindo para si mesmos a admiração mundial. Devemos ter em mente que as conquistas políticas do Anticristo ocorrerão graças ao seu grande carisma e ao apreço que alcançará.

Cabe perguntar como será possível que as pessoas venham a aceitar o Anticristo e mesmo adorá-lo como se fosse o próprio Cristo. Bem, o apóstolo Paulo nos fornece uma boa “dica” no tocante a isso em *Tessalonicenses 2.9-12*:

“A esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, sinais e prodígios de mentira, com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam na mentira; para que sejam julgados todos os que não creram na verdade, antes tiveram prazer na iniquidade”.

Esse texto deixa claro que Satanás dará poder ao seu servo, o Anticristo, para fazer sinais e maravilhas, que enganarão aqueles que vão perecer, por não terem recebido “o amor da verdade”, para que pudessem se salvar. Assim sendo, Deus vai realmente cegá-los para que deem crédito às mentiras do Anticristo.

Obviamente fica a pergunta: que sinais serão esses e que tipo de mentiras o Anticristo vai contar?

Li recentemente um livro chamado “A Sedução do Cristianismo” /79/, no qual os autores se propõem a mostrar que o Cristianismo cristocêntrico, que prega a salvação pelo sacrifício substitutivo de Jesus na cruz do Calvário, está sendo minado por idéias oriundas de religiões orientais que deificam o homem. Isso ocorre na medida em que vários grupos evangélicos passam a hospedar ideias que fazem o mesmo. Dito dessa forma pode parecer incrível, mas na medida em que a fé ousada, que tanto agrada a Deus, cede lugar à confissão positiva (uma prática ou fórmula em lugar da verdadeira fé), à visualização espiritual e a outras tantas “técnicas” comuns também às religiões orientais e à Nova Era, então passamos a enxergar o Cristianismo “adulterado” que Satanás está tentando criar. Na medida em que todas as religiões convergem no aprimoramento do homem como ser espiritual que passa a exercer poderes divinos, então fica muito mais fácil criar uma religião mundial. Quando surgir um elemento do gênero humano que tiver dominado os poderes do espírito (mesmo que o faça com poderes de Satanás), esse elemento há de representar o alvo de todos que almejam conquistar poderes semelhantes. O Anticristo é exatamente esse elemento, que vai encantar o mundo como primeiro homem a alcançar a deificação desejada.

Quanto à forma como isso vai ocorrer, temos um exemplo recente em Adolf Hitler, que nos mostra como um homem de inteligência abaixo da média, mas que se entregou totalmente ao ocultismo, encantava multidões de alemães ao discursar sempre possuído por um espírito demoníaco /80/. A forma como esse homem planejou a morte de dez milhões de judeus e teve 60% de sucesso só pode ser entendida à luz do apoio que teve. Tão inacreditável quanto foi o apoio ou, pelo menos, o consentimento de governantes do mundo inteiro, dentre os quais cabe ressaltar Franklin Roosevelt (presidente dos USA) e Getúlio Vargas (presidente do Brasil), ambos os quais se recusaram a receber navios carregados de judeus em seus países, mandando-os de volta à Alemanha para serem sacrificados nos campos de concentração. Isso só pode ser alcançado mediante total cegueira espiritual operada por Satanás. Aquilo que o mundo viu na época de Hitler há de ver novamente, em breve, na figura do Anticristo.

Apocalipse 13

Versículos 1 a 18

1Vi uma besta que saía do mar. Tinha dez chifres e sete cabeças, com dez coroas, uma sobre cada chifre, e em cada cabeça um nome de blasfêmia.

2A besta que vi era semelhante a um leopardo, mas tinha pés como os de urso e boca como a de leão. O dragão deu à besta o seu poder, o seu trono e grande autoridade.

3Uma das cabeças da besta parecia ter sofrido um ferimento mortal, mas o ferimento mortal foi curado. O mundo todo ficou maravilhado e seguiu a besta.

4Adoraram o dragão, que tinha dado autoridade à besta, e também adoraram a besta, dizendo: "Quem é como a besta? Quem pode guerrear contra ela?"

5À besta foi dada uma boca para falar palavras arrogantes e blasfemas e lhe foi dada autoridade para agir durante quarenta e dois meses.

6Ela abriu a boca para blasfemar contra Deus e amaldiçoar o seu nome e o seu tabernáculo, os que habitam nos céus.

7Foi-lhe dado poder para guerrear contra os santos e vencê-los. Foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação.

8Todos os habitantes da terra adorarão a besta, a saber, todos aqueles que não tiveram seus nomes escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a criação do mundo.

9Aquele que tem ouvidos ouça:

10Se alguém há de ir para o cativeiro, para o cativeiro irá. Se alguém há de ser morto à espada, morto à espada haverá de ser. Aqui estão a perseverança e a fidelidade dos santos.

11Então vi outra besta que saía da terra, com dois chifres como cordeiro, mas que falava como dragão.

12Exercia toda a autoridade da primeira besta, em nome dela, e fazia a terra e seus habitantes adorarem a primeira besta, cujo ferimento mortal havia sido curado.

13E realizava grandes sinais, chegando a fazer descer fogo do céu à terra, à vista dos homens.

14Por causa dos sinais que lhe foi permitido realizar em nome da primeira besta, ela enganou os habitantes da terra. Ordenou-lhes que fizessem uma imagem em honra à besta que fora ferida pela espada e contudo revivera.

15Foi-lhe dado poder para dar fôlego à imagem da primeira besta, de modo que ela podia falar e fazer que fossem mortos todos os que se recusassem a adorar a imagem.

16Também obrigou todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, a receberem certa marca na mão direita ou na testa,

17para que ninguém pudesse comprar nem vender, a não ser quem tivesse a marca, que é o nome da besta ou o número do seu nome.

18Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Seu número é seiscentos e sessenta e seis.

Apocalipse 13 nos fala, então, sobre o surgimento de duas bestas, uma que aparentemente dominará o cenário político da época da grande tribulação, enquanto a segunda, preposta da primeira, fará um papel semelhante ao de um

sacerdote, cujo objetivo é fazer com que todos os olhares se voltem com admiração e louvor à 1ª besta.

Não cabe aqui, agora, acharmos que Satanás estará efetivamente em pé na praia enquanto surge, vindo das profundezas dos oceanos, um monstro grotesco de várias cabeças. Obviamente tudo continua muito figurado, de modo que uma das chaves para a compreensão do texto será sempre a definição do critério de interpretação das figuras. Neste caso específico temos que começar por descobrir o papel do mar e a natureza da criatura com a qual estamos lidando. Se valer o mesmo critério apresentado para as águas em *Apocalipse 17.15*, podemos dizer que o mar representa povos, nações, multidões e línguas, dentre as quais surgirá a Besta. Já com relação à natureza dessas criaturas, *Apocalipse 13.18* nos informa que o nome da Besta é nome de homem, donde tudo parece indicar que se tratará de um governante comum, estabelecido através de uma nação comum e que se destacará sobremaneira durante o seu governo, a ponto de alcançar a soberania sobre todas as nações da terra.

Ao emergir das águas, vemos que esta Besta tem grande semelhança com o próprio dragão, ou seja, possui igualmente sete cabeças e dez chifres, mas difere dele pelos diademas, em número de dez e que se encontram sobre os chifres, enquanto os sete diademas do dragão encontravam-se sobre as sete cabeças.

Esta Besta também mostra grande semelhança com o 4º animal visto por Daniel em sua visão (*Daniel 7*). Também este tinha dez chifres, que ali eram representativos de reis distintos de um mesmo reino (*Daniel 7.23-27*). Embora a história mostre que a profecia de Daniel tenha tido cumprimento parcial no reinado dos selêucidas e especificamente com o rei Antíoco IV Epifânio, que no ano 167aC profanou o altar do templo de Jerusalém, causando a cessação temporária das ofertas, só restabelecida por Antíoco V em 163aC, cerca de 3,5 anos mais tarde, ainda assim, o cumprimento desta profecia aponta para um reino escatológico, certamente o mesmo da visão de João.

Somos levados a concluir, portanto, que a Besta é o mandatário de um reino da Terra, existente à época da Grande Tribulação, o qual será dotado de grande autoridade, outorgado pelo poder do dragão, ou seja, por Satanás (*Apocalipse 13.1-2*). Maiores detalhes a respeito da Besta (Anticristo) foram dados no capítulo 12 acima.

Durante o período apostólico, sabemos que a volta do Senhor era considerada iminente até pelos próprios apóstolos, mas aparentemente o assunto tomara proporções obsessivas para os tessalonicenses, pelo que Paulo foi obrigado a lhes escrever esclarecendo que a volta do Senhor não se daria até que surgisse no cenário mundial “o iníquo”, que operaria, segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder e sinais e prodígios da mentira (*II Tessalonicenses 2.9*). A interpretação particular dada a este texto pelas correntes pré-, meso- e pós-tribulacionista permite que essas três linhas de pensamento coexistam.

Jesus também falou a respeito do iníquo supracitado, ao dizer: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo

(quem lê, entenda), então ...” (*Mateus 24.15*). Também esta profecia teria tido cumprimento parcial, segundo o historiador judeu Flávio Josefo, quando o general romano Tito entrou no templo, profanando-o e destruindo-o totalmente no ano 70d.C. Seu cumprimento pleno aponta igualmente, contudo, para um personagem escatológico, que surgirá nos dias da Grande Tribulação. É no mínimo significativo que Jesus fale a seu respeito exatamente ao introduzir em Seu discurso o assunto da Grande Tribulação (*Mateus 24.15-28*).

Sempre ao longo da História os teólogos se viram tentados a estabelecer um paralelo entre um reino ou um poder vigente e o reinado da Besta. Obviamente o primeiro reino a merecer tal paralelo foi o de Roma, mas uma das dificuldades que sempre complicou esta associação foi o fato da Besta ter sido mortalmente ferida, através de um golpe em uma de suas cabeças e depois ter sido curada (*Apocalipse 13.3*). Na época do Império Romano havia uma lenda, que dava conta que Nero não morreria de suicídio, conforme nos narra a história, mas que fugira para o oriente, de onde voltaria com um exército conquistador. A restauração desse reino, ou alguma forma do mesmo em nossos dias é a posição defendida por alguns teólogos (/80/, pág. 52), que veem isso profetizado no livro de Daniel.

Outros teólogos contemporâneos vinham atribuindo à União Soviética o papel de reinado da Besta, mas foram decepcionados pela dissolução desta união de nações durante os anos 90. Não faltou, contudo, quem dissesse ter sido esta a ferida mortal na cabeça de Gorbachev, caído em desgraça, mas que ressurgirá com muito maior poder quando este se levantar.

Houve ainda, de igual modo, quem visse no Mercado Comum Europeu a associação correspondente de nações (/81/, pág.179).

Verdade é, contudo, que associações desta natureza têm servido apenas para criar preconceitos. É necessário, portanto, que fiquemos atentos, conferindo os fatos em nossos corações, para que reconheçamos o seu cumprimento à medida em que ocorra.

Apocalipse 13.4 nos dá a entender que ficará patente que a Besta opera maravilhosamente pelo poder que lhe foi outorgado por Satanás, constituindo-se em motivo de adoração ao Diabo. A Besta será tida por invencível, o que obviamente denota apenas a falta de conhecimento das Escrituras por parte da maior parte dos homens. Paulo, por exemplo, disse aos tessalonicenses que “**O Senhor Jesus o matará com o sopro de Sua boca, destruindo-o pela manifestação de Sua vinda**” (*II Tessalonicenses 2.8*).

João nos fala, ainda, que serão dadas à Besta uma boca para proferir arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir por um período de 42 meses - novamente o mesmo período referente à segunda metade do período apocalíptico, ou seja, a Grande Tribulação (*Apocalipse 13.5*). Tal autoridade o levará a começar um período de perseguição pela difamação do nome de Deus, da Igreja e posteriormente dos crentes individualmente (*Apocalipse 13.6*). Esta perseguição se tornará em peleja aberta contra os crentes em Jesus, que serão

vencidos nesta época (*Apocalipse 13.7*). O termo vencido, utilizado em nossas traduções, não tem o sentido de cederem à tentação de negar o nome de Jesus. O que está implícito é o martírio, que na realidade se constitui em vitória, visto que a fidelidade até a morte tem por prêmio a coroa da vida (*Apocalipse 2.10*).

A autoridade da Besta será sobre todas as nações da Terra e ela será, também, por todos adorada, mas João faz uma ressalva: “... aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro, que foi morto, desde a fundação do mundo” (*Apocalipse 13.8*). Fica implícito, portanto, que a Igreja (toda para os pós-tribulacionistas e os convertidos após o arrebatamento para os demais) se recusará a prestar tal adoração, motivo pelo qual será tão perseguida.

João conclui sua descrição da Besta e da abrangência do seu poder com uma advertência: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (*Apocalipse 13.9*). Aparentemente ele diz, ainda, que a perseverança e a fidelidade dos santos reside justamente no fato de que a vingança é do nosso Deus (*Apocalipse 13.10*).

Surge, então, a segunda Besta, emergindo, desta feita, da terra. Esta João diz que tem dois chifres e o aspecto de cordeiro, embora fale como dragão (*Apocalipse 13.11*). Trata-se, sem dúvida, de uma imitação do Cristo, tendo em vista o seu aspecto de cordeiro, mas na hora em que começa a falar percebe-se, imediatamente, que ela nada tem de divino. Esta Besta não oferece qualquer tipo de concorrência à primeira. Pelo contrário, exerce toda a autoridade da 1ª na presença desta, a quem dá toda a honra e glória, fazendo com que todos os moradores da Terra a adorem (*Apocalipse 13.12*). Fica patente, portanto, que a 1ª besta exerce um papel de líder civil, ao passo que a 2ª desempenha uma espécie de sacerdócio a serviço da 1ª.

O texto nos diz que é dado a esta 2ª Besta operar grandes sinais, dentre os quais faz até descer fogo dos céus, de modo que os homens ficam totalmente seduzidos pelo poder que exerce (*Apocalipse 13.12-13*). É importante ressaltar que o poder em questão é real e tem origem no reino das trevas.

Diz-nos João que este preposto da Besta convencerá os homens a fazerem uma imagem para fins de adoração e que usará de seus poderes satânicos para transmitir vida à imagem, de modo que esta matará todo aquele que se recusar a adorá-la (*Apocalipse 13.14-15*). Obviamente estarão incluídos aqui muitos dos santos.

A todos os adoradores da Besta será concedida uma marca sobre a fronte ou sobre a mão direita, com a qual poderão comprar e vender. Serão tempos difíceis para a Igreja (ou para os convertidos após o arrebatamento no cenário pré e meso-tribulacionista), cuja perseguição abrangerá a cassação do próprio direito à aquisição de gêneros alimentícios.

Esta marca aparentemente se constitui num nome, cujo número equivalente é 666, que João apresenta àqueles que têm sabedoria para que possam decifrá-lo (*Apocalipse 13.16-18*). Para a melhor compreensão deste desafio é preciso saber que nem o hebraico nem o grego possuíam um sistema numérico. Ambos

os idiomas utilizavam letras do alfabeto em lugar dos números. Seria o equivalente a usarmos, por exemplo A=1, B=2, C=3 etc. Assim sendo, algum tipo de combinação dos números que constituem o nome do homem que encarna a besta deve levar ao número 666.

Não é difícil entender, portanto, que muitas pessoas usem operações algébricas, aplicadas a nomes de indivíduos em evidência, com o intuito de saber se são ou não candidatos ao cargo de Besta. Durante a 2ª Guerra Mundial, por exemplo, muitas pessoas atribuíam a Hitler o ofício de Besta, visto que puderam mostrar que a soma dos números atribuídos às letras do seu nome totalizava 666. O fato de seu principal assessor direto, de nome Göebel, viver para enaltecer o Führer (título que Hitler se deu e que significa líder), fez com que fosse atribuído a ele o cargo de 2ª Besta ou falso profeta. O tempo mostrou rapidamente o equívoco.

Apocalipse 14

Versículos 1 a 20

1Então olhei, e diante de mim estava o Cordeiro, em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil que traziam escritos na testa o nome dele e o nome de seu Pai.

2Ouvi um som dos céus como o de muitas águas e de um forte trovão. Era como o de harpistas tocando seus instrumentos.

3Eles cantavam um cântico novo diante do trono, dos quatro seres viventes e dos anciãos. Ninguém podia aprender o cântico, a não ser os cento e quarenta e quatro mil que haviam sido comprados da terra.

4Estes são os que não se contaminaram com mulheres, pois se conservaram castos e seguem o Cordeiro por onde quer que ele vá. Foram comprados dentre os homens e ofertados como primícias a Deus e ao Cordeiro.

5Mentira nenhuma foi encontrada na boca deles; são imaculados.

6Então vi outro anjo, que voava pelo céu e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na terra, a toda nação, tribo, língua e povo.

7Ele disse em alta voz: "Temam a Deus e glorifiquem-no, pois chegou a hora do seu juízo. Adorem aquele que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas".

8Um segundo anjo o seguiu, dizendo: "Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez todas as nações beberem do vinho da fúria da sua prostituição!"

9Um terceiro anjo os seguiu, dizendo em alta voz: "Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão,

10também beberá do vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da sua ira. Será ainda atormentado com enxofre ardente na presença dos santos anjos e do Cordeiro,

11e a fumaça do tormento de tais pessoas sobe para todo o sempre. Para todos os que adoram a besta e a sua imagem, e para quem recebe a marca do seu nome, não há descanso, dia e noite".

12Aqui está a perseverança dos santos que obedecem aos mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus.

13Então ouvi uma voz dos céus, dizendo: "Escreva: Felizes os mortos que morrem no Senhor de agora em diante". Diz o Espírito: "Sim, eles descansarão das suas fadigas, pois as suas obras os seguirão".

14Olhei, e diante de mim estava uma nuvem branca e, assentado sobre a nuvem, alguém "semelhante a um filho de homem". Ele estava com uma coroa de ouro na cabeça e uma foice afiada na mão.

15Então saiu do santuário um outro anjo, que bradou em alta voz àquele que estava assentado sobre a nuvem: "Tome a sua foice e faça a colheita, pois a safra da terra está madura; chegou a hora de colhê-la".

16Assim, aquele que estava assentado sobre a nuvem passou sua foice pela terra, e a terra foi ceifada.

17Outro anjo saiu do santuário dos céus, trazendo também uma foice afiada.

18E ainda outro anjo, que tem autoridade sobre o fogo, saiu do altar e bradou em alta voz àquele que tinha a foice afiada: "Tome sua foice afiada e ajunte os cachos de uva da videira da terra, porque as suas uvas estão maduras!"

19O anjo passou a foice pela terra, ajuntou as uvas e as lançou no grande lagar da ira de Deus.

20Elas foram pisadas no lagar, fora da cidade, e correu sangue do lagar, chegando ao nível dos freios dos cavalos, numa distância de cerca de trezentos quilômetros.

A atenção de João se volta, então, para o Cordeiro em pé sobre o monte de Sião, onde se encontra acompanhado de 144.000, que têm escrito em suas frentes não o símbolo da Besta, mas o nome do Cordeiro e do Seu Pai (*Apocalipse 14.1*).

Parece tratar-se de uma situação em que o Cordeiro e o remanescente de Israel celebram no Monte do Templo em Jerusalém a vitória sobre o Anticristo e os reinos da Terra. Embora estejam na Jerusalém terrestre, o texto diz que estão cantando, diante do trono, um novo cântico que apenas os 144.000 remidos podem aprender. Estes, continua João, são aqueles que permaneceram virgens, aparentemente no sentido espiritual, ou seja, que não cederam à idolatria da Besta. Desta forma representam as primícias, para Deus e para o Cordeiro, dentre o povo de Israel. Assim sendo, eles são agora, também, parte da Igreja de Jesus Cristo, à qual se juntarão, contudo, somente depois do Milênio.

Com base em *Apocalipse 14.4* há aqueles que procuram identificar este grupo como uma classe especial de celibatários, porque o texto nos fala não se terem maculado com mulheres, por serem castos. Embora o sentido literal seja este mesmo, sabemos que a Bíblia não apresenta as relações sexuais como uma coisa indigna, senão quando praticadas fora do casamento, além de deixar claro ser ilícito proibir o casamento (*1 Timóteo 4.3*). Por outro lado a Bíblia usa, inúmeras vezes, da infidelidade conjugal como uma figura da idolatria. Segue, portanto, ser mais provável que a referência aqui se faça a pessoas que não dobraram os seus joelhos à Besta, sendo seguidores do Senhor Jesus, sem mentiras e sem mácula de pecado outro (*Apocalipse 14.5*).

Concluída a apresentação dos personagens que desempenharão papéis de destaque no período da Grande Tribulação, João tem uma visão de três anjos que trazem, como que, os últimos avisos aos homens que se encontram sobre

a terra, antes que efetivamente comece o derramamento dos sete flagelos do fim.

O primeiro destes anjos voa pelo céu tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, tribo, língua e povo. É necessário que temam a Deus e que Lhe deem glória. Devem adorar Aquele que fez o céu, a Terra, o mar e as fontes das águas, pois o Seu juízo é iminente (*Apocalipse 14.6-7*).

Não obstante o texto referir-se a “um” evangelho, não há dúvida que está sendo concedido aos adoradores da Besta a sua última oportunidade para que aceitem “o” evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Fica claro que Deus ama o mundo de tal maneira, que até a última hora continua Se esforçando para que ninguém se perca (*II Pedro 3.9*). Apesar de difamado, menosprezado e rejeitado, o Seu amor continua a andar de mãos dadas com Sua justiça. O Pai está sempre pronto a fazer com que esta seja satisfeita em Jesus, se tão somente houver arrependimento e confissão de pecados. Esse é o Deus de toda a Bíblia, que continua imutável às portas do juízo!

O 2º anjo nos antecipa informações, que são detalhadas posteriormente nos capítulos 17 e 18, relativas à queda da grande Babilônia, que corrompeu as nações através de sua prostituição (*Apocalipse 14.8*).

A Babilônia bíblica é o protótipo da Babilônia escatológica. Trata-se de uma cidade de grande influência mundial que, além de sua soberania bélica e comercial, exporta para todo o mundo também a sua corrupção sexual e a sua idolatria. Nos dias dos apóstolos, os cristãos olhavam para Roma certos de que ela preenchia este papel, mas 19 séculos depois muitos teólogos continuam a cometer o mesmo julgamento precipitado, olhando com suspeitas para as cidades e nações mais poderosas e moralmente decaídas de nossos dias.

Tudo o que sabemos é que a sua queda dar-se-á nos dias da Grande Tribulação, com maiores detalhes fornecidos adiante, mas fica patente que a queda da cidade que era o orgulho de todas as nações, antes que venha o Dia do Juízo, ainda representa uma nova tentativa do Senhor de levar os demais povos ao arrependimento.

O 3º anjo traz mais uma advertência, esta, contudo, sob forma de ameaça para aqueles que adoram a Besta e a sua imagem e recebem a marca na sua fronte ou mão. Ele diz que todo aquele que estiver nesta condição beberá do vinho da cólera de Deus, preparado sem atenuação do cálice de Sua ira. Seu futuro será passado no lago de fogo e enxofre, onde será atormentado pelos séculos dos séculos (*Apocalipse 14.9-11*).

A cólera e a ira de Deus, retratados pelo anjo, não podem ser entendidos como sentimentos iguais àqueles despertados pela emoção do homem. A ira de Deus é caracterizada pela Sua aversão ao pecado: simplesmente não pode tolerá-lo. A condenação do pecado é automática por estar debaixo da ira de Deus. João expressa isso ao dizer: “... o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do Unigênito Filho de Deus” (*João 3.18b*). Assim sendo, o que parece vir

sob forma de ameaça é, na realidade, apenas um fato consumado: quem não aceita a justiça em Jesus permanece em pecado e, automaticamente, sob a ira de Deus. É na certeza de que nenhum pecado ficará impune que reside, segundo João, a perseverança dos santos (*Apocalipse 14.12*).

Concluído o recado do 3º anjo, João ouviu, ainda, uma voz dirigida do céu, que dizia: “**Bem-aventurados os mortos, que desde agora morrem no Senhor, para que descansem de suas fadigas, pois suas obras os acompanharão**” (*Apocalipse 14.13*). Pode parecer um tanto estranho dizer: feliz daquele que for morto por causa da perseguição que vai sofrer, porque isso será computado para o seu galardão, mas na realidade esta promessa é até bastante comum no Novo Testamento. Jesus, por exemplo, disse que quem perdesse a sua vida por amor dEle achá-la-ia (*Mateus 10.39b*). Paulo, falando aos filipenses, expressou esta mesma idéia ao dizer que para ele o viver é Cristo, mas o morrer ganho (*Filipenses 1.21*).

Fala-se muito sobre qualidade de vida, mas na prática parece que não é fácil para o homem estabelecer um padrão de vida desejável. Pois bem, para Deus fica claro que a vida de qualidade é aquela que é gasta a Seu serviço, independente de sua duração. Que possamos todos nos esforçar por viver uma vida cristã de qualidade!

Apocalipse 14.14-20 encerra o intróito de João, que antecede a descrição dos sete flagelos da ira de Deus. Trata-se, contudo, de um trecho de compreensão extremamente difícil, onde a maioria dos teólogos concorda que João tem uma antevisão do fim, ou seja, daquilo que é descrito em maiores detalhes adiante, mas apresentam grande divergência em relação ao conteúdo da mesma.

A visão começa distinguindo alguém que identificamos, a princípio, com o Senhor Jesus, em cuja mão João vê uma foice. Repentinamente sai um anjo do santuário, presumivelmente da presença de Deus Pai, dizendo ser chegada a hora da ceifa na Terra, visto estar já madura a seara. Esse anjo manda, então, que o personagem da nuvem inicie a ceifa e este estende a sua foice e a Terra é ceifada. Nada nos é dito sobre a natureza desta ceifa, mas uma ceifa normal implica na colheita dos frutos aproveitáveis, pelo que o texto pode ser entendido como uma descrição sumaríssima do Arrebatamento. Como não é próprio que um anjo dê ordens ao Senhor Jesus, ficamos em dúvida sobre a identidade do personagem da nuvem, que parece ser, agora, apenas outro anjo.

Ficamos ansiosos por maiores informações, mas, ao prosseguirmos a leitura, ficamos surpresos, pois João parece ver uma 2ª colheita, desta vez específica de uvas, ou seja, uma vindima, só que não para serem aproveitadas e, sim, para serem pisadas no grande lagar da cólera de Deus. Trata-se, aparentemente, de uma grande mortandade, que de uma forma ou outra a maioria associa à chamada batalha do Armagedom, onde o sangue das muitas vítimas se estenderá por 300km, chegando à altura dos freios dos cavalos, ou seja, acima de um metro. Esta 2ª operação seria realizada, segundo o texto, pelos anjos.

Obviamente a colheita de todos os frutos, bons e maus, nos levaria ao Dia do Juízo Final e não à descrição dos flagelos feita a seguir, pelo que reiteramos só ser possível entender este texto como uma antevisão do que vem após as tragédias que se seguem.